

## AMA AS TUAS ROSAS de Pedro Quintas

### Cor e forma

*“Qualquer fundo de pintura subtrai a sua própria matiz das cores que carrega e assim as influencia.” (Josef Albers)*

Temos muito gosto em apresentar a primeira exposição individual de Pedro Quintas na Galeria Belo-Galsterer em Lisboa, com os seus trabalhos mais recentes.

No espaço da exposição somos confrontados com onze pinturas de acrílico sobre tela, formatos rectangulares de diferentes dimensões. Nestas obras, sobressai a cor e a geometria dos padrões e sinais coloridos apresentados. Esses traços dominantes levam-nos a considerar os modernistas, sobretudo da Bauhaus, com as suas predileções pelo estudo e análise da cor e forma, de organização formal hierarquizada. No seu tratado sobre as cores (1929)<sup>1</sup>, por exemplo, Kandinsky, professor da Bauhaus de 1922 a 1933, afirma que as cores primárias têm a sua correspondência formal em determinadas formas geométricas: o amarelo no triângulo, o vermelho no quadrado e o azul no círculo.

Tanto como esta teoria de Kandinsky seguia sobretudo intuições pessoais e colectivas, e não necessariamente razões científicas, a escolha de cores e formas acaba sempre por ser algo que segue padrões estéticos e de aculturação estritamente pessoais. Estas considerações no caso das pinturas de Quintas impõem-se, e sempre existiu, uma vontade de geometrização; em algumas destas telas encontramos um mesmo padrão que ziguezagueia pelas telas, contrastando com o fundo.

Como por exemplo em “Vai, vai onde o acaso te leva” – a interpelação é sublinhada pela força do contraste entre o verde saturado e o cinza mate, e a ideia do passeio, do vaguear pelo mundo – “onde o acaso te leva” – que podemos encontrar no verde, representante de paisagem... Nesta obra, como em tantas outras da exposição, o título oferece-nos mais um significado, uma segunda possibilidade de leitura e interpretação.<sup>2</sup>

A partir de obras como esta começamos a entender todas as outras em que o padrão se desenvolve a partir da ligação entre letras, deformadas na sua forma, ou de fontes diferentes, criando dessa forma matrizes variadas, que nem sempre são de clara leitura ou interpretação. Uma charada para o observador...

Há algo misterioso nesta transformação do grafismo para a imagem – um processo de autonomização da letra, em que ela se estica, se estende, ocupando o terreno da pintura. Cria-se um labirinto visual, reforçando desta forma o contraste entre fundo e linhas sobrepostas, em que nos perdemos nas linhas que se tornam letras, e nas letras que se tornam forma...

Alda Galsterer,  
28 de Maio de 2018

### **Pedro Quintas (Lisboa, 1972). Vive e trabalha em Lisboa.**

Terminou em 1999 o Curso de Pintura e em 2001 o Curso Avançado de Artes Plásticas do Ar.co (Centro de Arte e Comunicação Visual em Lisboa).

Expondo regularmente, e essencialmente pintura e desenho, inicia em 2004 a exploração de novos meios, tais como a fotografia digital e vídeo assim como a exploração da interação entre o som e a imagem em performances em tempo real.

Exposições recentes foram, em 2018, **LQR**, com Cristina Lamas e Eduarda Rosa, Galeria 111, Lisboa; em 2017, **25 Anos - Galeria Fernando Santos**, Galeria Fernando Santos, Porto, e **Agosto**, com Cristina Lamas, Shiki Miki Gallery, Lisboa; em 2016, **Períolos/Arte portuguesa de hoy**, CAC Málaga, Centro de Arte Contemporâneo de Málaga, e **Apontamentos**, (solo), Galeria Fernando Santos, Porto. Ainda em 2013, participou das exposições **Entre Memória e Arquivo** com curadoria de Ruth Rosengarten, para o Museu Coleção Berardo, Lisboa; e **Sincronias: Artistas Portugueses na Coleção António Cachola** - com curadoria de Isabel Pinto e Patrícia Machado, MEIAC (Museo Extremeño Iberoamericano de Arte Contemporaneo), Badajoz.

Está representado entre outras, nas seguintes coleções: Coleção AR.CO Lisboa; Coleção António Cachola / MACE, Elvas; Coleção Museu Berardo, Lisboa; Coleção Fundação EDP, Lisboa; Coleção Fundação PMLJ, Lisboa; bem como em várias coleções privadas nacionais e internacionais.

<sup>1</sup> Das aulas de Wassily Kandinsky na Escola Bauhaus fazia parte a aula importante „Introdução aos Elementos Formais abstractos“ (Einführung in die abstrakten Formelemente) (cit. a partir de fontes do Bauhaus-Archiv Berlin).

<sup>2</sup> Além do já referido, “Tu”, “Nós”, “Jota” e “We never happened” são alguns dos títulos de obras desta exposição.

## AMA AS TUAS ROSAS de Pedro Quintas

### Color and form

*“Any ground subtracts its own hue from the colors,  
which it carries and therefore influences.”  
(Josef Albers)*

We are thrilled to present the first solo exhibition by Pedro Quintas at Galeria Belo-Galsterer in Lisbon, with his most recent works.

In the exhibition space we are confronted with eleven acrylic paintings on canvas, in rectangular formats in different sizes. In these works, standing out is the color, the geometry of patterns and the presence of the different colored marks. These dominating characteristics take us to consider the modernists, especially the Bauhaus School, with their preferences of study and analyses of color and form, as well as a hierarchical formal organization. In his tractate about colors (1929)<sup>1</sup>, for instance, Kandinsky, professor of the Bauhaus between 1922 and 1933, claims that the primary colors have their formal correspondence in determined geometrical forms: the yellow in the triangle, the red in the square and the blue in the circle.

As much as Kandinsky's theory followed mainly personal and collective intuitions, and not obligatory scientific reasons, a choice of aesthetic patterns and strictly personal assimilation. In case of Quinta's paintings these considerations impose themselves, as there has always been a predilection of geometrization in his work; in some of the canvases present in this show, we find similar patterns, which zigzag across canvases, contrasting with the ground.

As for example in “Vai, vai onde o acaso te leva”<sup>2</sup> – this demand is underlined by the strength of the contrast between saturated green and matte grey, and the idea of a walk around, wandering around the world, which we can find in the green, representative of landscape... In this work, like in others of the exhibition, the title offers us additional meaning, a second possibility of reading and interpretation.<sup>3</sup>

Looking at this work, we can begin to understand all the others, in which the pattern develops from a formal connection between the letters revealing changed shapes as well as different fonts, thus creating variable matrix not always an easy reading or interpretation. Mind-games for the observer...

Last but not least, there is something mysterious in the transformation of the graph into image – the letter becoming autonomous, stretching itself, occupying the field of painting. The creation of a visual labyrinth thus reinforces the contrast between the superposition of background and lines, in which we get lost in the lines that become letters, and the letters that become form...

Alda Galsterer,  
28th of May 2018

### **Pedro Quintas (Lisbon, 1972). Lives and works in Lisbon.**

He ended his studies in Painting in 1999 at Ar.co School in Lisbon.

Quintas exhibits his works regularly since the 2000s, working mostly in drawing and painting, with punctual excursions into video and multimedia.

Some of his most recent exhibition were in 2018, **LQR**, with Cristina Lamas and Eduarda Rosa, Galeria 111, Lisbon; in 2017, **25 Anos - Galeria Fernando Santos (25 year exhibition)**, Galeria Fernando Santos, Porto, and **Agosto**, with Cristina Lamas, Shiki Miki Gallery, Lisbon; in 2016, **Periplos / Arte português de hoy**, CAC Málaga, Centro de Arte Contemporáneo de Málaga, as well as **Apontamentos**, (solo), Galeria Fernando Santos, Porto. Still in 2013, he was part of the important exhibitions **Entre Memória e Arquivo** curated by Ruth Rosengarten, for Museum Collection Berardo, Lisbon; and **Sincronías: Artistas Portugueses na Coleção António Cachola (Portuguese artists in the António Cachola Collection)** - curated by Isabel Pinto e Patricia Machado, MEIAC (Museo Extremeño Iberoamericano de Arte Contemporaneo), Badajoz.

His work is represented in the following collections: AR.CO Collection Lisbon; Collection António Cachola / MACE, Elvas; Collection Museu Berardo, Lisbon; Collection Foundation EDP, Lisbon; Collection Foundation PMLJ, Lisbon; as well as in several Portuguese and international private collections.

<sup>1</sup> From the classes by Wassily Kandinsky at Bauhaus School one of the most important ones was „Introduction to the Abstract formal Elements” (Einführung in die abstrakten Formelemente) (quote: source of Bauhaus-Archiv Berlin).

<sup>2</sup> Transl. “Go, go where chance will lead you”.

<sup>3</sup> In addition to the above mentioned, “Tu” (You), “Nós” (Us), “Jota” (J) and “We never happened” are some of the work's titles at this exhibition.

E...  
de Alexandre Conefrey

**A força da imaginação**

**“Peindre, c’est faire apparaître une image  
qui n’est pas celle de l’apparence naturelle  
des choses, mais qui a la force de la réalité.”  
(Raoul Dufy)<sup>1</sup>**

Temos muito gosto em poder apresentar novos trabalhos de Alexandre Conefrey na Galeria Belo-Galsterer. Novos trabalhos esses que são o resultado de uma série recente de desenhos a lápis de cor, exposta já em museus portugueses e franceses durante o ano de 2018, e que finalmente chega – em forma de novas obras – ao espaço da nossa galeria.

O que impressiona logo à primeira vista, é a força da cor, o traço vivo, multifacetado e espontâneo e ainda a tonalidade forte do próprio papel que se impõe à cor impressa pela mão do artista. Com um novo papel, vindo de França, Alexandre Conefrey teve a motivação de ariscar novo suporte e instrumentos de pintura mantendo-se fiel à sua “constante exploração técnica e dos materiais,”<sup>2</sup> que tem caracterizado o seu trabalho ao longo das últimas décadas. Esta vontade de experimentar sempre renovada, aqui unida à força de expressão, presente também no traço que imprime ao papel, nos deixa partilhar do entusiasmo e prazer que o próprio artista sente no fazer, na criação de novos mundos através da sua imaginação.

Num segundo olhar, percebemos que as manchas de cores chamativas, quase garridas, se transformam em paisagens, lugares imaginativos, mas que nos deixam na dúvida acerca da sua veracidade, por causa das suas tonalidades incríveis: em “Les Mots” um verde lima estridente se junta a um magenta forte e quase pink, cor que se concentra sobretudo nas margens da imagem representada, um desenho cheio de contrastes e vibrações coloridas e gestuais.

São estes contrastes de cor e de traço, estas vibrações entre cor e gestos que nos fazem imergir nestas obras. Uma perspectiva central puxa o nosso olhar para dentro da obra, para um ponto de convergência entre desenho e olhar; em “Olho de Boi” no qual dominam as tonalidades azuis, é a entrada pelas rochas adentro que conduz o nosso olhar para um centro, em “Would you cross that bridge...” é a ponte propriamente dita que cria um ponto de encontro com o nosso olhar.

Assim, Alexandre Conefrey convida-nos para um passeio paisagístico, no qual o prazer da criação se junta ao prazer da visitação do nosso olhar.

Alda Galsterer,  
01 de Junho de 2018

**Alexandre Conefrey nasceu em Lisboa em 1961, onde vive e trabalha.**

Fez o curso de desenho no Ar.Co, em Lisboa entre 1993 e 95 e foi bolseiro no Royal College of Art, em Londres. Suas mais recentes exposições, colectivas e individuais, foram em 2018, **Campo de Visão - Aquisições 2016-2017**, com curadoria de Sara Antónia Matos e Pedro Faro, Cordoaria Nacional, Lisboa; **Le Portugal au Front. Visions d’artistes 1918-2018**, com curadoria de João Pinharanda, Musée des Beaux Arts, Arras, FR; **Bom Dia**, com Pedro Sousa Vieira e curadoria de Carlos Corrais, Museu Nogueira da Silva, Braga; em 2017, **Prémio Amadeo de Souza-Cardoso**, Museu de Amarante, **PESO**, Galeria Belo-Galsterer, Lisboa; em 2015, **Oracular Spectacular**, com curadoria de Nuno Faria, Museum CIAJG, Guimarães, PT; **Grazie Mille, Mille Grazie**, Galeria Belo-Galsterer, Lisboa; **The Pit: Dois abismos - Um poço fitando o céu**, Fundação EDP, Museu da Electricidade, Lisboa; em 2014, **Mockingbird**, com texto de Nuno Crespo, Casa Museu Nogueira da Silva, Galeria do Jardim, Braga; **Plus**, Galeria Miguel Nabinho, Lisboa; em 2012, **To cut a long story short**, Giefarte, Lisboa (2012); bem como expôs também na Fundação Calouste Gulbenkian, Paris; na Andrew Mummery Gallery, Londres, UK, e na Galeria Alda Cortez, Lisboa.

As suas obras estão presentes em diversas coleções: Coleção Ar.Co; Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Coleção António Cachola, Elvas; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Fundação Carmona e Costa, Lisboa; Coleção de Arte Fundação EDP; e importantes coleções privadas portuguesas e internacionais.

<sup>1</sup> trad. livremente para português significa algo como “Pintar é fazer aparecer uma imagem que não é a da aparência natural das coisas, mas que tem a força da realidade.”

<sup>2</sup> Carlos Corrais, Fevereiro 2018, texto da exposição *Bom Dia*, realizada no Museu Nogueira da Silva, Braga.

E...  
de Alexandre Conefrey

**The power of imagination**

*“Peindre, c’est faire apparaître une image  
qui n’est pas celle de l’apparence naturelle  
des choses, mais qui a la force de la réalité.”  
(Raoul Dufy)<sup>1</sup>*

We are thrilled to present new works by Alexandre Conefrey at Galeria Belo-Galsterer.

These new works are the result of a recent series of drawings with colored pencil, exhibited already in 2018 in Portuguese and French museums, which finally arrives – in the form of new artworks – at our gallery.

What impresses immediately at first sight, is the strength of the color, the lively trace, multifaceted and spontaneous, as well as the strong tone of the paper itself, which imposed itself on the color used by the artist. With a new paper, Alexandre Conefrey had the motivation to risk a new support and painting instruments, remaining ever faithful to his “constant exploration of technique and materials”<sup>2</sup>, which has characterized the artist’s work over the last decades. This always renewed will to experiment, here united with the force of expression, also present at the line imprint on the paper, lets us share of the enthusiasm and pleasure the artist himself feels in doing, in creating new worlds through his imagination.

At a second look, we notice that the spots of flashy colors, almost gaudy, transform into landscapes, imaginative places, but still leave us in doubt about their truthfulness, because of their incredible tones: in “Les Mots” a strident lime green joins a strong magenta and almost *pink*, a color that appears mainly on the edges of the represented image, a drawing full of contrasts, as well as colored and gestural vibrations.

These contrasts of color and traces, those vibrations among color and gestures, are what make us immerse in these works. Also, a central perspective pulls our gaze into the work, to a point of convergence between drawing and looking; in “Olho de Boi” in which blue tones dominate, it is the entrance through the rocks that leads our look in the direction of a center; in “Would you cross that bridge...” it is the bridge, in fact, that creates a meeting point with our eyes.

Thus, Alexandre Conefrey invites us to participate in a scenic walk, in which the pleasure of creation is joined by the pleasure of observation.

Alda Galsterer,  
01 de Junho de 2018

**Alexandre Conefrey was born in Lisbon in 1961, where he lives and works.**

The artist studied drawing at Ar.Co Independent Art School in Lisbon and had a fellowship at the Royal College of Art in London with a scholarship by the Calouste Gulbenkian Foundation in the 1990s.

Conefrey’s most recent exhibitions, solo and group shows, were, in 2018, ***Campo de Visão - Aquisições (Acquisitions) 2016-2017***, curated by Sara Antónia Matos and Pedro Faro, Cordoaria Nacional, Lisbon; ***Le Portugal au Front. Visions d’artistes 1918-2018***, curated by João Pinharanda, Musée des Beaux Arts, Arras, FR; ***Bom Dia***, with Pedro Sousa Vieira and curated by Carlos Corrais, Museu Nogueira da Silva, Braga, PT; in 2017, ***Prémio Amadeo de Souza-Cardoso***, Amarante Museum, Amarante, PT; ***PESO***, Galeria Belo-Galsterer, Lisbon; in 2015, ***Oracular Spectacular***, curated by Nuno Faria, Museum CIAJG, Guimarães, PT; ***Grazie Mille, Mille Grazie***, Galeria Belo-Galsterer, Lisbon; ***The Pit: Dois abismos - Um poço fitando o céu***, EDP Foundation, Museu da Electricidade, Lisbon; in 2014, ***Mockingbird***, with text by Nuno Crespo, Casa Museu Nogueira da Silva, Galeria do Jardim, Braga, PT; ***Plus***, Galeria Miguel Nabinho, Lisbon; em 2012, ***To cut a long story short***, Giefarte, Lisbon; he also showed at Andrew Mummery Gallery, London, UK, as well as at Calouste Gulbenkian Foundation in Paris.

His work is part of the Museum Calouste Gulbenkian / Modern Collection, Lisbon; Collection Carmona e Costa Foundation, Lisbon; Collection CML (City Hall Art Collection), Lisbon; António Cachola Collection / MACE, Elvas, PT, in between others, as well as his work is also represented in numerous important private art collections, in Portugal and abroad.

<sup>1</sup> Free translation to English: “To paint is to make an image appear that is not that of the natural appearance of things, but which has the force of the reality.”

<sup>2</sup> Carlos Corrais, February 2018, text to the exhibition *Bom Dia*, realised in the Museu Nogueira da Silva, Braga, Portugal.